

Apresentação

Nas atividades desenvolvidas pela Associação Brasileira de Literatura Comparada já há 25 anos, a tradição crítica brasileira que foca sua atenção nas relações entre forma literária e estrutura social tem tido lugar constante. A proposta deste número da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* foi colocá-la em posição central.

O resultado é um conjunto de textos significativos, que se dividem em dois grandes blocos. O primeiro deles, de caráter mais amplo, é composto por trabalhos que orbitam, como é natural, em torno da obra de Antonio Candido, mas com o sentido de repensar a tradição crítica brasileira a partir dele, e não como mera repetição. É para a renovação de uma tradição que se aponta.

Abre esse bloco “Forma imanente e história na crítica literária de Lukács, Candido e Schwarz”, de Irenísia Torres de Oliveira, que enfrenta a tarefa difícil de sintetizar as diferenças do pensamento de Lukács entre a escrita de *A teoria do romance* e os textos da década de 1930, para em seguida articulá-los com as obras de Antonio Candido e Roberto Schwarz. Com essa operação crítica, a autora compõe o retrato menos de uma filiação crítica do que de um exercício comum de constituição de uma tradição que não se restringe às fronteiras nacionais da análise da articulação entre forma literária e estrutura social.

Em “A *Formação* vista desde o sertão”, Luís Augusto Fischer considera, desde dentro, os pressupostos e desdobramentos da *Formação da literatura brasileira*. Num gesto crítico de simultâneos adesão e questionamento, a partir da ideia de que uma obra forte acaba gerando sua própria chave de leitura, ele procura investigar o

conceito de “formação” desnaturalizando a própria noção de Brasil (entre outras) sobre a qual se assenta. O resultado é uma proposta instigante de repensar e fortalecer a tradição formativa.

“O escritor e o crítico”, artigo de Salete de Almeida Cara se constitui num trabalho original que toma como objeto, a ser analisado também desde dentro, as notas de um curso dado por Antonio Candido em 1975 sobre o naturalismo, exatamente o período em preparava sua leitura fundamental de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Assim, ao mesmo tempo que se instaura como testemunho de um momento importante da reflexão de Antonio Candido, converte-se em visada crítica pessoal, inscrito nas recentes discussões da autora sobre o naturalismo.

O artigo de Antonio Candido sobre *O cortiço* é o foco central de interesse de “Leituras de *O cortiço*”. Além de estabelecer uma breve história da recepção crítica ao romance de Azevedo, Paulo Franchetti se debruça sobre a leitura de Antonio Candido com o fim de estabelecer uma crítica metodológica à leitura alegórica do país por ele empreendida. Ao final, propõe, em seu lugar, a visão de que em seu romance mais conhecido, Azevedo constroi uma visão radicalmente pessimista do Brasil.

Fechando este primeiro bloco temos “Candido, leitor de Rosa”, de Sérgio Luiz Prado Bellei e Claudia Campos Soares. Aqui os autores retomam a pequena mas significativa produção crítica de Antonio Candido sobre Guimarães Rosa para, a partir da abertura que nela encontram, sugerirem a necessidade de sua superação, num contexto mental em que a crítica literária se questione acerca da hegemonia da noção de “interpretação fechada”.

No segundo bloco, estão reunidos cinco textos que se dedicam à prática da análise da relação entre forma literária e estrutura social em autores e textos específicos.

Os dois primeiros tratam da lírica. Hermegildo Bastos, em “Atroadas de máquinas, motores, estrugidos’: lírica e sociedade na poesia de Joaquim Cardozo” analisa detida-

mente dois textos do poeta pernambucano, “Canção de uma espera sem fim” e “Canção que vem por um caminho”. A partir dessa análise, estabelece uma leitura geral para o conjunto a que pertencem esses poemas específicos, as “Canções Sombrias”. Dessa maneira, localiza uma poética fundada na contradição que encena a contradição maior da lírica moderna: dizer o mundo ao dizer de si mesma, numa recusa que é intervenção no real.

Antonio Sanseverino parte da consideração do livro *Trem da serra* de Ernani Fornari, nomeadamente do tratamento dado às marcas “mecânicas” da modernização por meio da incorporação do trem e do automóvel. Com um olho no poeta gaúcho e outro nos poetas modernistas canônicos – Mário, Oswald, Bandeira – Sanseverino sugere um deslocamento de nosso olhar sobre a poesia modernista brasileira em sua totalidade.

A prosa de ficção brasileira é o tema dos três artigos que fecham este número. Em “Impasse e conciliação: a posição do homem livre pobre em *O tronco do ipê*”, Fernando Gil discute a forma como Alencar convoca para sua obra um problema central da sociedade brasileira, a relação de *dependência*, especialmente aquele manifestado na precariedade do homem livre pobre. Acompanha os movimentos da trama e aponta como a tensão derivada dessa condição social específica se cria e se dissipa no interior da obra.

Uma outra figura central da sociedade brasileira, o migrante, é o tema a partir do qual Belmira Magalhães e Lígia dos Santos Ferreira, em “A trajetória dos migrantes nordestinos em Graciliano Ramos, Dias Gomes e Ivan Ângelo” mobilizam um método que se vale da noção de que a oposição não implica, vistas para examinar um corte temporal generoso da história literária brasileira – um arco que vai da década de 1930 ao anos 1970 – e discutir como estrutura social se converte parte integrante e irreduzível da forma literária.

Em “Melodrama e alegoria em Valêncio Xavier”, Ângela Maria Dias parte do Walter Benjamin do *Drama*

barroco alemão para mostrar como, por meio de recursos aparentemente “antiquados”, no livro *Crimes à moda antiga*, Valêncio Xavier faz um retrato contundente da sociedade brasileira contemporânea.

Luís Bueno